



TAÍS TEIXEIRA

**DA VIDA URBANA À
SOBREVIVÊNCIA EXTREMA**

E AINDA...

- **SARA “CALIANDRA BUSHCRAFT”, A CHAMA QUE ACENDEU O CERRADO**
- **FIFO - A LÓGICA SIMPLES QUE MANTÉM O ESTOQUE SEMPRE PRONTO**



- A história do grupo Cosendey Bushcraft
- Facas Pukko - A faca original bushcraft
- Mistérios da Serra do Cipó em Minas Gerais
- Cobertura da 10ª edição do ENGB
- O risco de sempre estar na zona de conforto
- A importância do preparo prévio em situações de sobrevivencialismo
- O porte de lâminas e facas no Brasil: resumo da situação legal

SUMÁRIO

QUAL É DO GRUPO?

04 - GRUPO COSENDEY BUSHCRAFT

MULHERES NO BUSHCRAFT

06 - SARA "CALIANDRA BUSHCRAFT", A CHAMA QUE ACENDEU O CERRADO

DIÁRIO BUSHCRAFT

10 - FACAS PUKKO - A FACA ORIGINAL DE BUSHCRAFT

CAUSOS DO MATO

12 - MISTÉRIOS DA SERRA DO CIPÓ EM MINAS GERAIS

CAFÉ COM CONVERSA

14 - ENTREVISTA COM TAÍS TEIXEIRA - DA VIDA URBANA À SOBREVIVÊNCIA EXTREMA

ENGB - DÉCIMA EDIÇÃO

20 - COBERTURA DA 10ª EDIÇÃO DO ENGB

INFOALFA

24 - O RISCO DE SEMPRE ESTAR NA ZONA DE CONFORTO

MANUAL DO SOBREVIVENTE

26 - A IMPORTÂNCIA DO PREPARO PRÉVIO EM SITUAÇÕES DE SOBREVIVENCIALISMO

MUNDO PREPPER

28 - FIFO, A LÓGICA SIMPLES QUE MANTÉM O ESTOQUE SEMPRE PRONTO

POR DENTRO DO EDC

30 - O PORTE DE LÂMINA E FACAS NO BRASIL: RESUMO DA SITUAÇÃO LEGAL

NOTA DA EDIÇÃO

UM 2026 SEM ALARMISMO E EXTREMISMO!

Ao entrarmos em 2026, vale olhar para tudo o que vivemos como movimento. O Sobrevivencialismo amadureceu, o Bushcraft se consolidou, e os grupos cresceram em conhecimento, diversidade e história. Mas o crescimento, por si só, não garante direção. Os últimos anos nos ensinaram que toda experiência, quando mal interpretada, pode virar extremismo e quando bem compreendida, se transforma em sabedoria.

Este novo ciclo pede menos barulho e mais consciência. Menos disputa de verdades e mais cultivo do essencial: cooperação, humildade e prática real. Não precisamos de nichos armados entre si, mas precisamos de pessoas que entendam que a preparação começa no caráter e não no equipamento, e que o mato só revela quem já somos.

Também é tempo de rejeitar o clima de espetáculo que alguns tentam vender. Há quem lucre com o medo, quem espalhe alarmes sobre grandes colapsos como se o amanhã fosse inevitavelmente sombrio. Nós, sinceramente, esperamos que 2026 não seja o ano das tensões anunciamos aos sussurros, e sim um ano de lucidez, pés no chão e responsabilidade com a informação.

Que 2026 seja o ano da maturidade acima da vaidade. Em que cada acampamento, oficina ou encontro sirva para unir, inspirar e lembrar que o objetivo sempre foi simples: aprender juntos a viver melhor, com autonomia, respeito e propósito.

Que seja o ano em que o movimento cresce não para cima, mas para dentro!

QUEM FAZ A GUERREIROS OUTDOOR?

DIRETOR GERAL

NEY FAGUNDES

DIRETOR DE REDAÇÃO

ANGELO DOS SANTOS

DIRETOR EDITORIAL E MARKETING

DANIEL DELUCCA

DESIGN

DANIEL DELUCCA

COLUNISTAS

NEY FAGUNDES

ANGELO DOS SANTOS

DANIEL DELUCCA

GIULIANO TONIOLI

REVISÃO

ANGELO DOS SANTOS

ANA MARTA TOLEDO PIZA

FOTOGRAFIA/CAPA

TAÍS TEIXEIRA

COLABORADORES

ALEXANDRE COSENDEY

SARA SILVA

TAÍS TEIXEIRA

LUIZ ERICSON

Nota: algumas imagens desta edição foram produzidas por IA, adquiridas em bancos de imagens pagos e/ou cedidas por colaboradores.

Deseja falar com a Guerreiros Outdoor?

Para anunciar

(21) 98120-2220

Na internet

guerreirosoutdoor.com.br/contato

Apóios e parcerias

(21) 99877-7997

Edições anteriores

guerreirosoutdoor@gmail.com

O pedido será atendido pelo preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque.

CNPJ

43.001.985/0001-82

Apoios e Parcerias

Grupo Guerreiros Bushcraft
guerreirosbushcraft.com.br

Loja Javalis Outdoor
javalisoutdoor.com.br

Editora

Doisde Publicidade
doisde.com.br

DISPONÍVEL EM PDF

Faça a leitura do QRCode com o seu smartphone para fazer o download da revista no formato PDF, ou visite o nosso site.



A Revista Guerreiros Outdoor é uma produção coletiva, fruto da união pelos esforços para disseminação das culturas do Bushcraft, Atividades Mateiras, Sobrevidencialista, Preparação e afins.

Onde a Guerreiros Outdoor está?

SITE GUERREIROS OUTDOOR

guerreirosoutdoor.com.br



INSTAGRAM

@guerreirosoutdoor



FACEBOOK

@guerreirosoutdoor



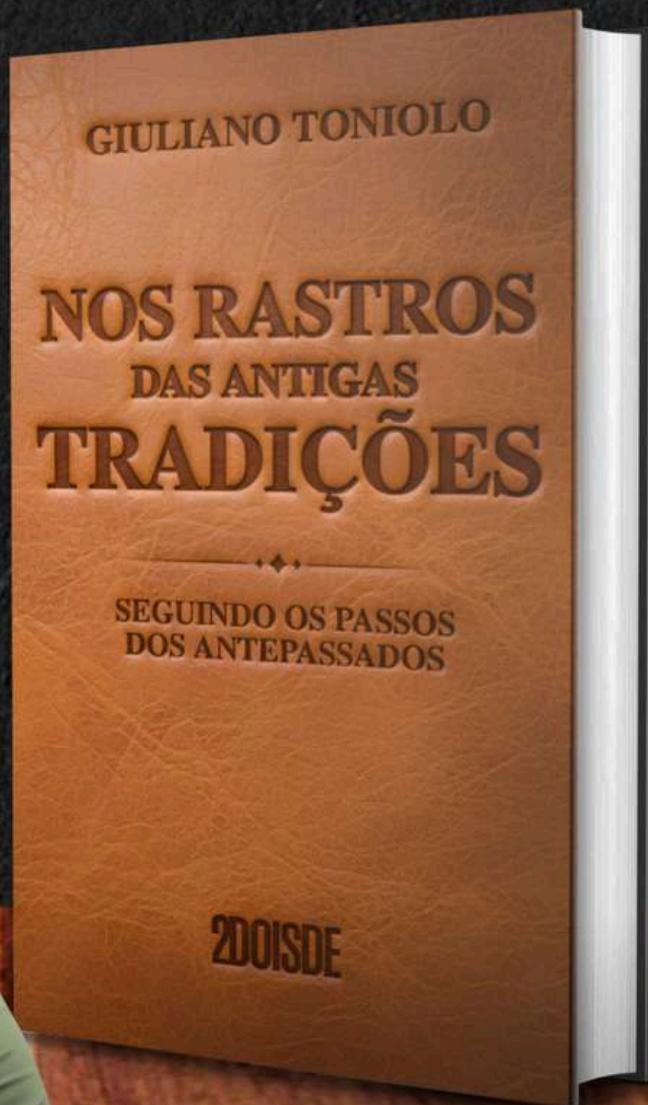
O livro que resgata o olhar ancestral do Bushcraft no Brasil

UMA JORNADA PELAS PRÁTICAS, VALORES E ENSINAMENTOS
QUE MOLDARAM O **ESPÍRITO MATEIRO**.

Este livro é um mergulho nas
antigas tradições, combinando
reflexões, técnicas e vivências reais
registradas em campo.



ADQUIRA AQUI O SEU LIVRO



GIULIANO TONIOLO
UMA DAS VOZES MAIS RESPEITADAS DO
BUSHCRAFT BRASILEIRO

Escrito por
Giuliano Toniolo, referência nacional
no estudo e prática do **bushcraft**.

2DOISDE

QUALÉDO GRUPO?

GRUPO COSENDEY BUSHCRAFT

Por Alexandre Cosenney



Alexandre Cosenney é Ten. Cel. Farmacêutico-Bioquímico da Aeronáutica, pesquisador da performance humana, encontrou nas artes mateiras o equilíbrio entre ciência e natureza — uma paixão cultivada desde a infância nas fazendas de seus antepassados.

Qual é do Grupo é reservado para contar um pouco da história de grupos que praticam atividades outdoor.

No coração da Serra e sob a sombra milenar da Mata Atlântica, o Cosenney Bushcraft desperta o instinto ancestral adormecido em cada um de nós.

Mais do que um curso, é uma travessia entre o passado e o presente, uma experiência imersiva em que a natureza volta a ser escola, abrigo e mestra.



Foto/Imagem: Imagem fornecida pelo autor

Fundado pelos irmãos Alexandre Cosenney (Ten. Cel. Farmacêutico-Bioquímico da Aeronáutica), Marcos José Elias Cosenney (Engenheiro eletrônico) e Ricardo Elias Cosenney (Coronel Aviador Aeronáutica), compartilham o sangue dos pioneiros e o amor pelas artes mateiras. O Cosenney Bushcraft nasceu dentro de uma fazenda tricentenária, território de nossos antepassados. Foi ali, sustentados pelos recursos da própria terra, que eles aprenderam a viver com inteligência, coragem e respeito à natureza. Hoje, resgatamos esse legado, transformando-o em conhecimento vivo e acessível a quem busca reconectar-se com a essência humana.



Durante a jornada, cada participante é guiado a desenvolver habilidades reais de sobrevivência e autonomia, aprendendo a usar o ambiente de forma consciente: desde o domínio do fogo e a construção de abrigos até a coleta e o preparo de alimentos, sempre dentro dos princípios do respeito e da preservação ambiental.



Foto/Imagem: Imagem fornecida pelo autor

Antes da expedição, realizamos uma aula de preparação exclusiva, onde apresentamos os equipamentos, técnicas e alimentos necessários para a vivência. Assim, quando chega o momento da partida, cada um já está pronto para encarar a floresta com segurança e confiança.

Foto/Imagem: Imagem fornecida pelo autor

A imersão acontece em uma reserva intocada de Mata Atlântica, em um acampamento de três noites que desafia corpo e mente. Entre o crepituar do fogo e o som das aves noturnas, os participantes aprendem o verdadeiro significado da autossuficiência, da irmandade e do respeito à vida selvagem.



Foto/Imagem: Imagem fornecida pelo autor

Cada experiência é um rito de passagem. O Cosenvey Bushcraft não é apenas sobre aprender técnicas, é sobre reacender o espírito explorador, fortalecer o caráter e compreender que a natureza não é inimiga, mas aliada.



Foto/Imagem: Imagem fornecida pelo autor

Foto/Imagem: Imagem fornecida pelo autor

Venha descobrir o que significa viver em harmonia com a terra. Responda ao chamado. A floresta espera por você.

SIGA O GRUPO COSENDEY BUSHCRAFT NAS REDES

@COSENDEYBUSHCRAFT



@ALEXANDRECOSENDEY



Linha exclusiva de camisetas Guerreiros Bushcraft, modelos para se usar nas ruas e no mato, feitas exclusivamente para quem realmente curte estar no mato.



Adquira já a sua na loja
www.javalisoutdoor.com.br



MULHERES NO BUSHCRAFT

#MULHERESNOBUSHCRAFT

SARA "CALIANDRA BUSHCRAFT", A CHAMA QUE ACENDEU O CERRADO

Por Daniel DeLucca



Daniel DeLucca é designer, empreendedor digital, fundador da Doisde e sócio da Escola Mestre do Mato. Atua há mais de dez anos no cenário bushcraft, integra a administração dos Guerreiros Bushcraft, é autor do blog Infoalfa SA e contribui com projetos como o ENGB e o BushDay Brasil.

Mulheres no Bushcraft, é um espaço criado para dar voz e reconhecimento às mulheres que transformam o mato em território de aprendizado, coragem e inspiração.

Em um meio tradicionalmente masculino, a presença feminina no bushcraft brasileiro tem se tornado cada vez mais visível, firme e transformadora. É dessa força que nasce esta nova coluna da Revista Guerreiros Outdoor: Mulheres no Bushcraft, um espaço criado para dar voz e reconhecimento às mulheres que transformam o mato em território de aprendizado, coragem e inspiração.

Para inaugurar este espaço, nenhum nome seria mais simbólico do que o de Sara Silva, conhecida como "Caliandra Bushcraft", uma mulher cuja trajetória se confunde com o próprio ato de acender uma chama.

Brasiliense, integrante do Bushcraft Brasília e praticante de sobrevivência pela Via Radical Brasil, Sara, de 19 anos, representa a fusão entre técnica e sensibilidade. Sua história vai além do domínio do fogo. É uma história sobre persistência, família e propósito, um ciclo que reacende a cada faísca.

No cerrado seco de Brasília, onde o calor castiga e o ar carrega o cheiro de terra e fumaça, ela aprendeu que paciência é irmã da chama. Entre gravetos, pedras e fibras, descobriu mais do que calor. Descobriu significado.

O FOGO COMO PROPÓSITO

Quando conversei com Sara, percebi que sua jornada nasceu de um ponto simples e verdadeiro: a curiosidade compartilhada com o pai.



SIGA DANIEL DELUCCA NAS REDES

SOBREVIVENCIALISMOALFA.COM.BR



INFOALFA S.A.



@EUDANIELDELUCCA



@EUDANIELDELUCCA



SIGA SARA SILVA NAS REDES

@CALIANDRA_BUSHCRAFT



"A minha história começou quando o meu pai procurou trilhas depois de se inspirar em Largados e Pelados e buscar atividades mateiras. Assim, encontramos um curso de bushcraft básico com o Giuliano Toniolo. A partir daí, a gente foi se envolvendo cada vez mais e buscando mais conhecimento sobre a prática até que encontramos um curso do Humberto Costa, no qual ele ensinava várias técnicas. Nesse curso a gente conheceu o grupo Bushcraft Brasília. Entramos no grupo em meados de 2019 ou 2020, e foi muito bom. Nos envolvemos bastante com a prática, tivemos bastante cumplicidade com as pessoas e fomos acolhidos como novos membros de uma grande família."

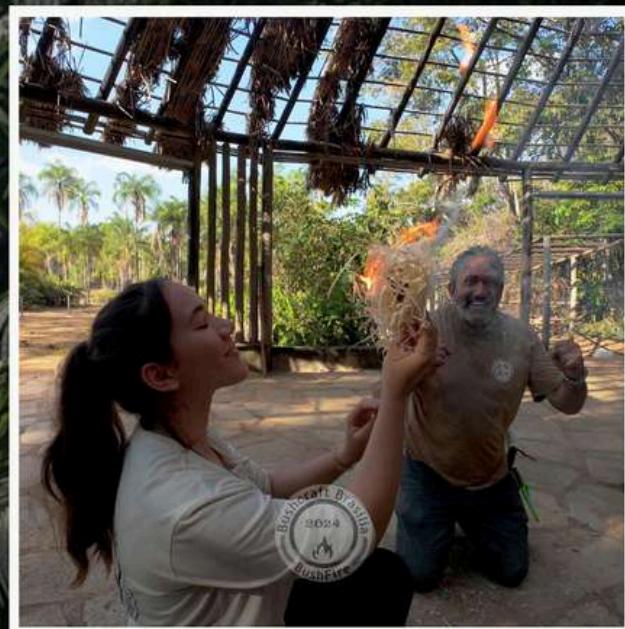
Essa sensação de pertencimento marcou o início de tudo. Foi dentro desse ambiente de partilha e convivência que Sara encontrou não apenas aprendizado, mas um sentido de comunidade. O mato deixou de ser um cenário e passou a ser uma extensão da própria casa. Ali, ao lado do pai, nasceu a paixão que se tornaria sua marca: o fogo.



Foto/Imagem: Acervo particular Daniel DeLucca

Falar sobre fogo primitivo com ela é como entrar em um ritual silencioso. Sara fala com serenidade, como quem entende que cada faísca exige respeito. "O fogo representa muito mais do que uma técnica de sobrevivência. Ele simboliza o começo de tudo, o calor que une as pessoas e o aprendizado que vem da prática e da paciência." Para ela, o fogo é espelho da própria vida. "Cada faísca acesa me lembra que, assim como no bushcraft, na vida também é preciso calma, dedicação e fé para que as coisas deem certo."

Dividir essa paixão com o pai é uma das experiências mais marcantes de sua trajetória. Wester, figura respeitada entre os praticantes de Brasília, não apenas incentivou a filha, mas caminhou ao lado dela desde o início. "Ensinar juntos em eventos e encontros é uma experiência única. Cada momento reforça nossa conexão e o quanto o bushcraft nos aproximou ainda mais." Essa parceria familiar evoluiu para uma parceria de ensino. Pai e filha percorrem encontros, eventos e vivências pelo país, levando o fogo como metáfora de união e aprendizado.



Foto/Imagem: Imagem fornecida por Sara

Reconhecida como a primeira mulher a ministrar uma oficina de fogo primitivo em um evento nacional, Sara carrega essa conquista com gratidão e humildade. "Sou muito grata a Deus por essa conquista. Sou grata ao Giuliano Toniolo, que foi meu mestre desde o começo, ao Humberto Costa, ao Itamar Charlie, que me graduou na sobrevivência módulo básico, e à equipe VRB, que sempre torceu por mim. Também sou grata ao coronel Montibeller, meu mentor na sobrevivência, que sempre me auxiliou nos cursos com o Lofresi, Reco, Engler, Adelson, Regiane, Musa e Pedro. Essa equipe faz um trabalho excepcional na área da sobrevivência, com responsabilidade, cuidado, conhecimento e prática. No meu desafio no Jalapão, fiquei muito segura da equipe, sabendo que estavam preparados para tudo. Foi incrível."

Ela faz questão de citar ainda o nome de Evilásio, o mestre que a conduziu na arte do fogo, especialidade que ela aprimora a cada dia. "Foi bem desafiador chegar até aqui. Eu não esperava por isso. Me sinto muito honrada em poder representar o grupo feminino e mostrar que não existem limites nesse meio."

As palavras dela carregam mais do que agradecimentos. Revelam um senso de responsabilidade com o que representa. Para Sara, o fogo é símbolo de continuidade, e cada conquista só tem sentido quando aquece outras pessoas ao redor.

FORÇA FEMININA NO MATO

Foi durante os treinamentos na Via Radical Brasil que Sara compreendeu o quanto o mato é também um espelho. Os desafios reais de sobrevivência, em ambientes exigentes e sob pressão, moldaram sua visão sobre si mesma. "Participar dos treinamentos e desafios de sobrevivência na Via Radical Brasil foi transformador. Cada experiência me fez olhar não só para a natureza, mas para a vida de uma forma diferente. Recebi total apoio da equipe do coronel Montibeller, o que me fez querer me dedicar ainda mais, não só ao bushcraft ou à sobrevivência, mas também a mim mesma."



Foto/Imagem: Imagem fornecida por Sara

Quando perguntei a ela sobre ser mulher em um meio ainda predominantemente masculino, a resposta veio firme e serena. "Mesmo sendo um ambiente ainda predominantemente masculino, sempre fui muito bem acolhida pela comunidade bushcrafter e de sobrevivência. Recebo apoio, incentivo e respeito de todos, o que me motiva ainda mais a continuar e a mostrar que o bushcraft é para todos." Sua fala reflete maturidade e propósito. Sara não busca ocupar espaço, constrói pontes. "Representar as mulheres nesse espaço é uma honra", diz. E essa honra se traduz em atitude.

Para ela, o que as mulheres trazem ao bushcraft vai além da sensibilidade. "As mulheres trazem uma força única. Somos determinadas, atentas e capazes de enfrentar qualquer desafio com coragem e preparo. Mostramos que a resistência, a inteligência e a estratégia não têm gênero." Em suas palavras, a força feminina está no controle emocional, na atenção aos detalhes e na persistência silenciosa. "A presença das mulheres no bushcraft inspira e quebra barreiras, mostrando que nosso lugar é onde quisermos estar."

Antes de encerrar nossa conversa, pedi que deixasse uma mensagem para aquelas que estão começando, especialmente para as mulheres que ainda se sentem inseguras em dar o primeiro passo. A resposta foi curta, mas carregada de significado. "Acredite em você e dê o primeiro passo. No começo pode parecer desafiador, mas é justamente nos desafios que descobrimos a nossa força."

Sara não repete frases prontas. Ela vive o que diz. Em cada palavra há a calma de quem aprendeu com o fogo que a pressa apaga a chama. Em cada gesto há a certeza de que o bushcraft é mais do que prática, é filosofia de vida. Ver Sara acender uma brasa no meio do cerrado ou em eventos pelo Brasil é testemunhar algo simbólico: o renascimento de uma chama feminina que há tempos merecia arder no mato.



Foto/Imagem: Imagem fornecida por Sara

Sara "Caliandra Bushcraft" é mais do que uma referência feminina. É um ponto de luz em um cenário que clamava por diversidade e representatividade. Sua trajetória marca o início de uma nova fase para o bushcraft brasileiro e para esta coluna. Ela mostra que o bushcraft não é sobre gênero, mas sobre essência. Assim como uma brasa que cresce e se transforma em chama, a presença feminina segue iluminando novos caminhos, trazendo equilíbrio, sensibilidade e força a um universo que, finalmente, aprendeu a ouvir todas as vozes do mato.



JAVALIS
OUTDOOR

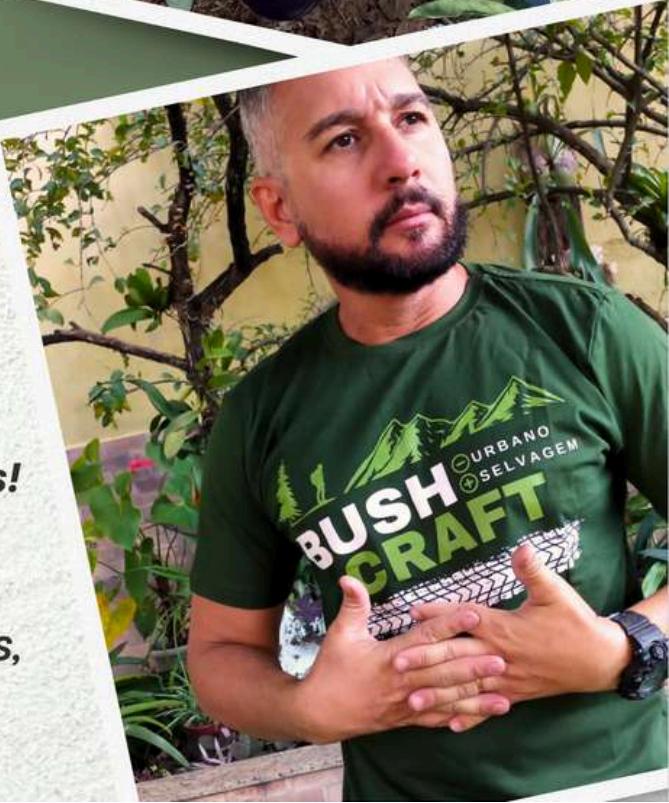
Use o Cupom
JAVALIS10
Para ter 10% de desconto na loja

E VOCÊ PODE **GARANTIR**
até **20% OFF**
NAS COMPRAS NA LOJA EM
PAGAMENTOS VIA PIX



Acesse agora
javalisoutdoor.com.br
e confira nossas promoções!

PROMOÇÃO VÁLIDA PARA OS PRODUTOS JAVALIS,
CAMISETAS, BONÉS, REVISTA E PATCHES.



DIÁRIO DE BUSHCRAFT

FACAS PUKKO - A FACA ORIGINAL DE BUSHCRAFT

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e escola mateira Mestre do Moto.

Diário Bushcraft traz a jornada, a cultura e os desafios das pessoas que praticam Bushcraft em sua essência, apresentando um pouco do de suas experiências em meio ao mundo natural.

Desde tempos imemoriais, a faca acompanha o ser humano como uma das ferramentas mais importantes para a sobrevivência e a vida prática. Em diferentes regiões do mundo, culturas desenvolveram formas próprias de produzir lâminas adequadas ao seu ambiente, aos recursos disponíveis e às necessidades diárias. Entre essas tradições, uma das mais respeitadas é a escandinava, cujo ícone maior é a faca "puukko", originária da Finlândia, mas com raízes que atravessam todo o norte da Europa.

A "puukko" é reconhecida pela simplicidade e eficiência. Não é uma faca ornamental e não adota linhas agressivas ou detalhes supérfluos. Sua beleza reside na funcionalidade e na ergonomia pensadas ao longo de séculos. O nome, em finlandês, pode ser traduzido simplesmente como "faca de uso", refletindo o espírito prático do objeto. Caçadores, pescadores, pastores de renas, artesãos e camponeses a carregaram diariamente, e até hoje ela é parte integrante da cultura nórdica.

A característica mais marcante dessa faca é o desbaste conhecido como "perfil escandinavo", ou "scandi grind". Esse perfil apresenta um desbaste reto iniciado aproximadamente no meio da lâmina, descendo até o fio. O resultado é uma lâmina com excelente poder de penetração em materiais fibrosos, especialmente madeira. Essa geometria concentra a força de corte em um ângulo relativamente agudo, permitindo talhar com precisão, abrir cavidades, preparar estacas, colher lascas para iniciar fogo ou fabricar utensílios simples no campo.



SIGA GIULIANO TONILO NAS REDES

MESTREDOMATO.COM.BR



GIULIANOTONILO



@GIULIANOTONILO



@GIULIANOTONILO.9



Outra vantagem prática do perfil escandinavo é a facilidade de manutenção. Ao contrário de lâminas que exigem atenção a múltiplos ângulos ou "micro-afiação", a faca "puukko" pode ser afiada de modo quase intuitivo: basta apoiar toda a face do desbaste na pedra de amolar e repetir o movimento até recuperar o fio. Esse detalhe é de imensa importância em ambientes naturais, como matas, florestas ou em longas expedições, quando o praticante de bushcraft precisa de soluções rápidas e não pode depender de técnicas complexas.

As dimensões da faca também merecem atenção. Em geral, as lâminas variam entre 8 e 11 centímetros de comprimento, o que pode parecer modesto à primeira vista. No entanto, esse tamanho é cuidadosamente pensado para oferecer versatilidade: é pequeno o suficiente para trabalhos delicados, como preparar alimentos, limpar peixes, talhar madeira ou esfoliar caça. No bushcraft, essa dimensão média permite carregar a faca com conforto no cinto, pronta para o uso constante.



No contexto do bushcraft, a "puukko" se consolidou como uma das facas mais adequadas justamente porque simboliza o equilíbrio entre simplicidade e eficiência, tornando-se uma lâmina desejada e utilizada por praticantes de bushcraft do mundo todo, inclusive aqui no Brasil.

Ao contrário de facas táticas, grandes e pesadas, muitas vezes pensadas para combate ou usos extremos, a faca escandinava é simples e humilde em sua proposta: ser uma ferramenta confiável para a vida prática no campo. Para muitos entusiastas da vida ao ar livre, isso é exatamente o que se busca. Não se trata de ostentar equipamento, mas de ter ao lado um objeto discreto, testado pelo tempo e capaz de atender às necessidades mais comuns.

Outro aspecto importante é o simbolismo cultural. Para os povos nórdicos, a "puukko" não era apenas uma ferramenta, mas também um objeto de identidade. Era comum receber uma dessas facas como presente em ocasiões importantes, como a passagem para a vida adulta. Esse vínculo emocional atravessou gerações e se espalhou pelo mundo, especialmente entre praticantes de bushcraft que buscam resgatar valores tradicionais de autonomia, simplicidade e respeito pelo meio natural.



Assim, a "puukko" vai muito além de uma lâmina. É o resultado de séculos de experiência prática em um ambiente duro e exigente. Ao utilizá-la no bushcraft, não apenas aproveitamos sua funcionalidade, mas também nos conectamos com um legado de conhecimento humano que soube extrair o máximo daquilo que é simples. O ensinamento maior dessa faca talvez seja justamente este: em um mundo que frequentemente complica demais as soluções, a verdadeira eficiência continua se escondendo nas formas mais diretas e honestas de lidar com a realidade.

Em resumo, a faca "puukko" e seu perfil escandinavo são exemplos vivos de como tradição, técnica e praticidade podem se unir em um objeto aparentemente modesto, mas capaz de transformar a experiência de quem busca autonomia na natureza. No bushcraft, ela se torna não apenas uma ferramenta, mas um símbolo de respeito ao tempo, à cultura e à simplicidade que garantiram a sobrevivência humana ao longo da história.

causos do **MATO**

MISTÉRIOS DA SERRA DO CIPÓ EM MINAS GERAIS

Por Ney Fagundes



Ney Fagundes é ex-militar, praticante de atividades mateiras, Presidente e um dos criadores do Grupo Guerreiros e luta pelo reconhecimento do Bushcraft em âmbito Nacional.

Causos do Mato tem como intenção de contar todo tipo de experiências e causos que aconteceram ou são contados nos acampamentos ou em atividades outdoor.

A Serra do Cipó, hoje um Parque Nacional, é uma das formações rochosas mais antigas do país e sempre foi considerada um ponto de passagem entre mundos.

Povos originários da região já falavam sobre luzes que saíam das pedras e sobre "vozes da serra" que chamavam os caçadores pelo nome.

Com o tempo, exploradores, tropeiros e até pesquisadores relataram fenômenos semelhantes: luzes que surgem do nada, vultos que atravessam o campo à noite e o som de passos quando não há ninguém por perto.

No segundo ENGB, realizado na área da Serra do Cipó, tivemos diversas experiências sobrenaturais e também ouvimos vozes no vento. Alguns chamam esse fenômeno de vozerio, ou vozes que parecem vir com o vento e o farfalhar das árvores.

Outra pessoa que já teve um avistamento foi Giuliano Toniolo, que relatou ter visto várias vezes uma pequena bola de luz azul no alto da serra, próximo a um córrego.

AS LUZES DA SERRA

Um dos relatos mais conhecidos é o de campistas que, em 1994, passaram a noite perto da Cachoeira Véu da Noiva. Por volta das duas da manhã, uma luz intensa surgiu entre as rochas e pairou sobre o vale. Alguns a viam como uma tocha gigante, outros, como uma esfera dourada que pulsava, e em seguida se dividiu em duas antes de sumir.

Moradores antigos dizem que essas luzes são manifestações da Mãe do Ouro, guardião dos veios minerais, que aparece para alertar sobre o perigo da cobiça. Há também o caso de 1986, quando Joaquim Elio acordou assustado com uma claridade atravessando as frestas de sua casa.



SIGA NEY FAGUNDES NAS REDES

@EUNEYFAGUNDES



@EUNEYFAGUNDES



Ao espiar, viu uma luz tão intensa que precisou cobrir os olhos com o braço. Dias depois, perdeu quase toda a visão do olho esquerdo.

Logo em seguida, ouviu vozes indecifráveis vindas da luz, como se os seres conversassem em uma língua desconhecida. O clarão permaneceu por cerca de meia hora, depois subiu lentamente ao céu e desapareceu em direção a um vilarejo próximo.



Na mesma madrugada, duas pessoas do vilarejo viram o objeto passando baixo, cortando um cabo de energia elétrica. Disseram ter visto números e símbolos gravados em sua parte inferior.

Ainda em 1986, Dona Zenita relatou uma luz que sobrevoou sua casa e pousou perto da propriedade, depois parou por minutos iluminando tudo com um brilho intenso, o que ela chama até hoje de "o farolão".

Já em 1996, um morador chamado Ciro desapareceu após ser perseguido por esse mesmo farolão. Foi encontrado dois dias depois, desfalecido às margens de um riacho, sem lembrar direito do que havia acontecido.

Dois anos depois, em 1998, um grupo de tropeiros foi surpreendido por uma luz fortíssima que pairou sobre eles por alguns minutos.

Quando o clarão se apagou, os animais estavam atordoados e os homens, sem força para montar.

Segundo Geraldo, tropeiro experiente, aquele foi apenas o primeiro de vários contatos que teria depois, sendo que o último foi o avistamento de uma pequena bola de luz azulada que o seguiu por uma trilha na região do Tabuleiro.

ASSOMBRAÇÕES E VOZES DA SERRA

Em Tabuleiro, um morador contou ter visto uma nave gigantesca. O cavalo se assustou tanto que o derrubou no chão.

Nas trilhas de Rio da Serra, um viajante relatou ter encontrado uma esfera de luz parada à beira do caminho. Quando tentou se aproximar, o cavalo empinou ao avistar uma pequena criatura que, segundo ele, "parecia o próprio diabo".

"Tenho certeza de que vi o diabo perto daquela nave", afirmou o morador, que desde então evita passar por ali à noite.

Outro fenômeno comum na região são as chamadas "vozes do além". Muitos sitiante e tropeiros relatam ouvir alguém chamar seu nome ou pedir ajuda em lugares completamente vazios. Certa vez, um tropeiro que fazia uma trilha afastada, próximo à Lapinha da Serra, ouviu seu nome ser chamado duas vezes. Ao se virar para procurar de onde vinha a voz, nada viu. Com toda a experiência dos muitos anos de lida, fez o sinal da cruz e seguiu seu caminho.

Em um lugar com uma queda-d'água, um casal de turistas também ouviu vozes, sons que pareciam de crianças brincando na água. Mas, além do vento e de alguns pássaros, nada mais havia por perto. O casal seguiu a travessia e relatou o ocorrido a um grupo que encontrou no caminho. O guia, rindo, respondeu que isso era comum na serra e que não precisavam ter medo.

Sejam seres de outro planeta, espíritos perdidos, ecos do passado ou o que quer que sejam, a Serra do Cipó segue imponente guardando suas belezas, histórias e lendas, à espera dos que ousam explorá-la.

E assim termina mais um Causos do Mato. Nos encontraremos na próxima! Ou quem sabe pelas trilhas da natureza!

GOSTOU? QUER ENVIAR O SEU "CAUSO"?
ENTRE EM CONTATO PELO LINK NO
QR CODE OU PELOS CANAIS ABAIXO

GUERREIROSOUTDOOR.COM.BR
[@GUERREIROSOUTDOOR](https://www.instagram.com/guerreirosoutdoor)
[@GUERREIROSOUTDOOR](https://www.facebook.com/guerreirosoutdoor)

CAFÉ COM CONVERSA

**ENTREVISTA COM TAÍS TEIXEIRA
DA VIDA URBANA À SOBREVIVÊNCIA
EXTREMA**

Por Angelo dos Santos



Angelo dos Santos é advogado, praticante de atividades mateiras, um dos administradores do Grupo Guerreiros e ativista nato em prol do fomento da cultura de grupos de Bushcraft pelo Brasil.

Café com Conversa é um bate papo descontraído, algumas vezes provocativo, guiado pela curiosidade e pautado na troca de muita ideia munida de café.

Taís Teixeira é hoje um dos rostos mais conhecidos da sobrevivência brasileira na televisão. Paulistana, vinda de uma rotina urbana, fitness e de selva de pedra, ela surpreendeu ao mergulhar de cabeça em um universo completamente diferente: o da sobrevivência real, em ambientes hostis, com recursos limitados e forte desafio mental. Seu nome ganhou projeção após duas participações marcantes em Largados e Pelados, sendo uma na Colômbia e outra na África, na edição "A Tribo", além do programa Sobrevivência Extrema, gravado em vários biomas do Brasil.

O que impressiona em Taís não é apenas o desempenho, mas sua história. Ela veio do ambiente onde a dependência de estrutura é regra: cidade grande, academia, rotina de trabalho, vida urbana acelerada. De repente, se viu enfrentando fome, dor, clima severo, animais perigosos, isolamento e as próprias fragilidades, inclusive as alergias severas que a acompanham desde sempre. E, mesmo assim, se transformou em referência.

Nesta entrevista, Taís compartilha como essa mudança começou, como sua família reagiu no início, os momentos mais duros dentro dos desafios, as dores invisíveis que viveu na África, a relação disso tudo com o processo de adoecimento do pai e o significado profundo por trás do seu livro "Sobre-Viver".

UMA VIDA URBANA, FITNESS... ATÉ O PRIMEIRO PASSO NO MATO

Angelo – Você veio totalmente do universo urbano e fitness. Como foi sair desse mundo e mergulhar na sobrevivência?

Taís – Sempre comentam sobre o meu jeito e me chamam de "patricinha da selva", por gostar de me arrumar até para praticar montanhismo e trilhas. O problema é que, nessas atividades, eu sempre dependia dos outros: dos guias, do grupo, da logística de alguém. Isso começou a me incomodar. Eu pensava: "E se um dia eu quiser fazer algo sozinha? E se eu me machucar?". Eu nunca soube lidar com isso e sentia a necessidade de aprender sobre o assunto.

SIGA ANGELO DOS SANTOS NAS REDES

CAFÉ COM MATO
@CAFECOMMATO
@CAFECOMMATO



SIGA TAÍS NAS REDES
@TAISTEXEIRA_



Eu assistia programas de sobrevivência e tentava reproduzir uma coisinha ou outra em casa. Em 2019 comecei a gravar vídeos e postar, tentando praticar alguma coisa de sobrevivencialismo, mesmo sem saber quase nada. Foi quando conheci o Valdeni, do canal Fogo Primitivo. Ele me incentivou dizendo que era raro ver mulheres nesse meio e que, se eu gostava, deveria fazer cursos de bushcraft. Eu nem sabia o que era bushcraft. Ele me apresentou ao Humberto Costa e comecei a estudar, praticar e entender realmente como seria lidar com situações de sobrevivência.



Foto/Imagem: Acervo particular Taís Teixeira

No fundo, entrei nisso pela minha segurança, autonomia e independência. Hoje, quando faço uma atividade sozinha, me sinto muito mais preparada.

FAMÍLIA X PARTICIPAÇÃO NO LARGADOS E PELADOS

Angelo – E como sua família reagiu quando você disse que ia participar do Largados e Pelados?

Taís – No início acharam loucura, me zoaram. Quando eu tentava fazer fogo, nó, abrigo, todo mundo ria. Amigos e família. Eu até coloquei isso no meu livro: dediquei às pessoas que não acreditaram em mim. Não de forma negativa, mas porque isso também me deu força.

Quando falei sobre participar do programa, meus pais se preocuparam achando que era mentira ou golpe. Eles diziam: "Você vai sofrer tanto... pra quê?". Ainda mais quando souberam que seria na Colômbia. Eles ficaram com medo de ser alguma armadilha, por causa de casos de tráfico humano, medo do país e tudo mais.

Quando viram que tudo aquilo era verdade, que tinha contrato, produtora, empresas por trás, aceitaram, mas ainda assim duvidando da minha capacidade por eu ser muito alérgica. Falavam: "Você não vai aguentar dois dias".

Isso me deu ainda mais vontade de mostrar que eu conseguia. Era meu sonho, e quando eu estava lá sofrendo, pensava nisso e nas pessoas que duvidaram de mim. Era questão de honra ficar até o final.

TREINOS IMPROVISADOS, VERGONHA E CRIATIVIDADE URBANA

Angelo – Vi muitas vezes em seus vídeos nas redes sociais que você postava o seu treinamento em um pátio cheio de pedrinhas perto do trabalho, em meio ao caos e pessoas passando na cidade grande. Como foram esses treinos?

Taís – Eu treinava ali porque em São Paulo é quase impossível treinar sobrevivência de forma real. Afinal, não tem área selvagem no meio urbano, se há mata não pode cortar, construir, nem nada. Então usei o que eu tinha: um pátio enorme cheio de pedras. Eu ia no horário de sol forte para treinar mente, pele e corpo ao mesmo tempo. Também treinava no parque perto de casa.

No começo eu tinha vergonha, achava que iam me olhar torto. Depois colocava fone de ouvido e andava. Todos os dias fazia a mesma coisa. Algumas pessoas perguntavam o que eu estava fazendo e eu dizia que estava "treinando a mente". Não contava a verdade de início.



Foto/Imagem: Acervo particular Taís Teixeira

Angelo – E com relação ao preparo, sendo uma profissional do mundo fitness, além dos treinos de corpo que já são habituais, e da resistência como é o caso das pedrinhas, o que mais você fez que impactou sua saúde na preparação para o desafio?

Taís – Principalmente, por ser mais magra eu engordei propositalmente para os dois desafios, porque massa muscular é importante mas a gordura é reserva de energia, proteção térmica e te dá segurança no modo sobrevivência.

E sempre que dava, ia para Minas Gerais (Uberaba) ou para a praia, porque em São Paulo não dá para cortar madeira ou fazer fogo. Uma vez até coloquei fogo no meu piso treinando no apartamento. Está manchado até hoje (risos), a gente faz o que pode e quando dá, não há desculpas quando você fica focada em algo!

O MOMENTO EM QUE A FICHA CAI

Angelo - No Largados e Pelados, quando você percebeu que estava realmente em um programa de sobrevivência, sem ajuda nenhuma?

Taís - No primeiro desafio na Colômbia, logo no início, quando eles me disseram "boa sorte, a partir de agora não falamos mais com vocês". Áí a ficha caiu. Eu achava que teria alguma ajudinha, mas não existe nada. De verdade!

Na Colômbia, não consegui fazer fogo nem abrigo no primeiro dia. Estava apavorada. No segundo desafio na África do Sul, fui mais tranquila, porque já sabia que não teria ajuda e que tudo era real. Então fui mais preparada!



Foto/Imagem: Foto fornecida por Taís Teixeira

Nos desafios a caminhada inicial já mostra a realidade. Você recebe o mapa e não sabe para onde ir, tem que seguir pontos cardeais e ir em busca de água. Lá se você pára, eles param também. Não dão pista nenhuma. É ali que você percebe que é você por você mesma. No começo do desafio eu e meu parceiro nos perdímos. Tentávamos fazer marcações em árvores, mas não funcionava. Aquela vegetação densa pregava peças na gente. Usamos outra tática, de colocar folhas no chão, e isso sim funcionou.

E quando meu parceiro saiu no sétimo dia, eu já sentia aquele lugar como minha casa. Fiquei cinco dias sozinha naquela mata. E eu sentia que os animais percebiam que eu não era mais uma ameaça para eles. Ficar só foi um marco importante pra mim emocionalmente.

A ÁFRICA – O AMBIENTE MAIS HOSTIL

Angelo - Na edição A Tribo, a impressão que tive é de que tudo foi muito mais difícil. Quando isso ficou claro para você?

Taís - Ainda no hotel. Eu tinha uma janela enorme no quarto e olhava para fora. O clima era muito seco, quente, parecia uma caatinga fechada. Pensei: "Isso vai ser muito pior do que imaginei".

Na África do Sul, não conhecia o bioma, o clima, a vegetação ou o comportamento dos animais. Isso já me deixava receosa. O lugar era extremamente inóspito, seco, calor absurdo. Vi muitos animais grandes e muitos herbívoros. Não tinham frutos ou raízes para buscar. Mal encontrávamos iscas. Achei que nossa comida viria de animais, porque a vegetação não ajudava em nada. Existia um lago enorme porém o crocodilo do nilo vivia nele, que é extremamente agressivo e sorrateiro, e isso também dificultava a nossa pesca.

Foi o ambiente mais cruel que já enfrentei até hoje.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Taís Teixeira

A SAÍDA MAIS DOLOROSA DA SÉRIE

Angelo - Para mim, sua saída foi a mais impactante de toda a série brasileira. Como foi viver aquilo?

Taís - No primeiro desafio a dor era física, mas eu controlava. Nesse na África, foi uma dor invisível. Era torturante. Nunca tive gastrite, nunca tive azia. Eu não entendia o que estava acontecendo. Achava que era fome, porque eu nunca tinha ficado tanto tempo sem comer. E desenvolver uma úlcera gástrica mostra o quanto o desafio é sofrido e real.

Quando vomitei pela primeira vez, senti medo real! Medo de desmaiar. Me sentia fraca, com dor e com pernas bambas. Essa cena nem foi ao ar. E eu precisava comer, mas não tinha o que comer. Os médicos me alertaram que eu tinha que comer proteína urgente, mas não conseguimos peixes e tartarugas suficientes para todos os dias porque as iscas eram pequenas e escassas demais para os anzóis. O arco do Renê havia quebrado, e tudo ficou muito difícil porque nossa chance de sobreviver só seria possível se tivesse uma caça grande.



Foto/Imagen: Foto fornecida por Taís Teixeira

Foi uma dor na alma sair. Eu queria mostrar a força da mulher, queria terminar. Tinha sonhos ali, objetivos ali. Mas meu corpo não deixou. Ainda assim, sei que lutei com honra. Dei o máximo. Nem sempre a gente ganha, mas a luta importa. "Desistir é fugir. Ser retirada ferida é lutar com honra."

SOBREVIVÊNCIA EXTREMA

Angelo – E no Programa Sobrevivência Extrema, também da Discovery, qual episódio te marcou mais?

Taís – O episódio das grávidas, em Roraima. Era para ser calor, mas caiu um temporal absurdo. Inundou tudo. Tinha risco de poraqué, piranha, jacaré e sucuri.

Eu estava de vestido, com muito calor, picadas de mosquitos e carapatos. Ficava pensando nas mulheres reais que passaram por aquilo. Se eu estava com dificuldade, imagina elas. Chorei de verdade.

O LIVRO "SOBRE-VIVER"

Angelo – Recentemente você lançou seu livro. Por que escolheu o nome Sobre-Viver?

Taís – Eu quis usar "Sobre-Viver" com hífen porque não queria que parecesse um livro sobre técnicas de sobrevivência. A nossa vida inteira já é uma sobrevivência: desafios amorosos, financeiros, emocionais, profissionais. Tudo o que vivi nos programas tem paralelo com a vida real. Nos desafios eu precisei lidar com dor, medo, fome, frustração, raiva, fragilidade, e percebi que fazemos isso o tempo todo aqui fora. A mensagem central é enfrentar os nossos medos. A gente se boicota muito, fica na zona de conforto. No desafio eu podia levantar a mão e sair, na vida também podemos. Tudo é escolha. Mas também podemos escolher lutar, enfrentar e superar.

O livro fala muito dessa tríade corpo-mente-espírito. Só passando por dor e perigo você entende como precisa das três partes. Mesmo quem não é religioso, na hora da angústia diz "Meu Deus, me ajuda". Isso é muito humano, e nos desafios acontecia o tempo todo.



Foto/Imagen: Edição e design Daniel DeLucca

Angelo – E o que você espera que as pessoas sintam ao terminar o livro?

Taís – Depende da fase em que elas estiverem. Se estiverem precisando de coragem, vão encontrar coragem. Se for motivação, vão achar motivação para enfrentar os desafios da vida. Falo muito também sobre a importância do outro, às vezes a gente pensa só em nós mesmos e esquece como o outro pode nos salvar. Cada leitor vai absorver de um jeito, mas a mensagem principal é enfrentar desafios com coragem, mesmo que o final às vezes não seja como gostaríamos mas o importante é tentar.

TAÍS EM 2026

Angelo - O que você pode nos contar da Taís em 2026.

Taís - Espero participar de mais desafios, me aperfeiçoar e me preparar cada vez mais nesse mundo encantador do bushcraft e sobrevivencialismo.

Adianto aqui em primeira mão que já comecei a continuação do livro, que será focada em saúde / doença, especialmente câncer. Enquanto terminava o primeiro livro, meu pai estava enfrentando a doença, e muita coisa que ele viveu na quimioterapia eu transformei em analogias de sobrevivência para ajudar ele a seguir. Cada ciclo de quimio durava 21 dias, por coincidência o mesmo período do Largados e Pelados.

Infelizmente ele faleceu em julho, mas sempre lutando. E eu sinto que tudo que vivi na África me preparou emocionalmente para essa dor maior aqui fora. A dor da perda verdadeira. A dor do nunca mais!

MENSAGEM FINAL

Angelo - Deixe uma mensagem para os leitores da revista!

Taís - Sobreviver faz parte da nossa vida, do nosso processo. Enfrentar desafios é uma escolha. Quem enfrenta, se fortalece, mesmo sem vencer. Mas a mensagem principal é buscar a coragem. Sair da zona de conforto, encontrar sua força mental, enfrentar o que vier e buscar a vitória, sempre que possível.

Foto/Imagem: Foto fornecida por Taís Teixeira



JAVALIS
OUTDOOR

**PRIMEIRO GUIA
BÁSICO DE
SOBREVIVÊNCIA**

**100%
Brasileiro**

Escrito por um
dos ícones da
sobrevivência e
do bushcraft
do Brasil

ADQUIRA
JÁ O SEU



**GUIA BÁSICO DE
SOBREVIVÊNCIA**
EM AMBIENTES NATURAIS HOSTIS DO BRASIL

GUILIANO TONIOLI

20ISDE



**QUALIDADE,
AGILIDADE
E RAPIDEZ.**



comprometida com **O Bushcraft.**

A empresa **EDITORIA 01 GRÁFICA E EDITORA** atua há mais de **23 anos** com um parque gráfico moderno e completo, operado por profissionais qualificados e especializados, no segmento de embalagens cartonadas e impressos comerciais e promocionais.

Qualidade de impressão em seus materiais

Aqui na Editora 01 você conta com a melhor qualidade de impressão para seu cartão de visita, folder, adesivo, imãs de geladeira, entre vários outros produtos. Aproveite o melhor custo-benefício em materiais gráficos!

Localizada no bairro de Taguatinga norte Brasília, nossa gráfica atende a pequenas, médias e grandes empresas de todo o Brasil, que se beneficiam da eficiência no atendimento e da qualidade dos impressos e embalagens confeccionados dentro de nossas instalações. Trabalhamos com a impressão offset, que permite o atendimento em larga escala de demandas diversas, como pequenas e grandes tiragens em diferentes formatos de impressão.

Terá ao seu dispor um time de Designers Profissionais especializados em design gráfico e altamente qualificados.

A excelência no atendimento, a garantia da qualidade e a busca do melhor custo benefício para nossos clientes são os pilares construídos ao longo dos anos que formam a base do relacionamento entre a Editora 01 e sua clientela e que permitem a criação de parcerias duradouras de sucesso.



Contamos com uma ampla linha de Papéis Especiais além de profissionais altamente capacitados para atender as necessidades de sua empresa.

Fazemos todo trabalho de criação e desenvolvimento de layouts.

Onsso compromisso é com a inovação, qualidade e sintonia com o cliente, zelando sempre pela satisfação total nos serviços por nós prestados.

É com esse objetivo que convidamos você a conhecer um pouco mais sobre nosso trabalho.

IMPRESSÃO EM OFF-SET FORMATO 2 | FORMATO 4

- CARTÃO DE VISITA
- PASTAS
- ENVELOPES
- BLOCOS DE RECIBO
- CARDÁPIOS
- CARTAZES
- TIMBRADOS
- BLOCOS DE PEDIDO
- CONVITES
- BANNERS
- RECEITUÁRIOS
- PRODUÇÃO DE PET
- PANFLETOS
- ADESIVOS
- IMÃS DE GELADEIRA
- COPOS PERSONALIZADOS
- LIVROS
- REVISTAS
- EMBALAGENS
- E MUITO MAIS....

EMBALAGENS



Linha completa de embalagens para sua Lanchonete e Restaurante



Livros | Revistas



Copos Personalizados



Tabloides



Produção de Pacth

@editora1_artcollor

61. 98130.4689 | 61. 3575.0222
www.artcollorgrafica.com.br

Endereço: Sigt Conjunto "B" Lote 13
Loja 01 Brasília - DF - CEP:72.153-502



X ENGB

EDIÇÃO ESPECIAL

10º ENGB - EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 10 ANOS

Por Angelo dos Santos



Angelo dos Santos é advogado, praticante de atividades mateiras, um dos administradores do grupo Guerreiros Bushcraft e ativista nato em prol do fomento da cultura de grupos de Bushcraft pelo Brasil.



Uma cobertura completa de um dos maiores evento de Bushcraft de realizado em 2025, em Guapimirim, no Rio de Janeiro.

Todos os anos o ENGB (Encontro Nacional de Grupos de Bushcraft e Atividades Outdoor) carrega consigo a promessa de reencontro, aprendizado e irmandade. Mas nesta edição, algo diferente pairava no ar desde o primeiro instante. Antes mesmo das oficinas começarem, antes dos primeiros acampamentos serem montados e antes dos abraços apertados que marcam nossa chegada, já era possível sentir que estávamos prestes a testemunhar algo histórico.

O 10º ENGB não era apenas mais uma edição; era a celebração de uma década inteira dedicada à cultura mateira, construída por mãos simples, por corações determinados e por uma comunidade que se recusa a deixar a chama apagar. É o verdadeiro fogo de espírito que não se apagou durante todo esses anos frente à inúmeras intempéries. Ainda que houvesse todo tipo de desafio e provação em que desistir seria mais fácil, o evento permaneceu adaptado, vivo e perene!

Dez anos não acontecem por acaso. Uma década é feita de fogueiras que resistem ao vento, de mãos que erguem abrigos, de vozes que ecoam saberes antigos e de caminhos cruzados por pessoas que, mesmo diferentes, carregam no peito a mesma bússola: a vontade de aprender, ensinar e viver a natureza de forma verdadeira.

O 10º ENGB, realizado entre os dias 21 e 23 de novembro de 2025, em Guapimirim (RJ), não foi apenas mais um encontro; foi a celebração viva de tudo aquilo que construímos juntos ao longo de uma jornada que transformou o cenário do Bushcraft no Brasil.

Foto/Imagem - Acervo particular Daniel Delucca

SIGA ANGELO DOS SANTOS NAS REDES

CAFÉ COM MATO



@CAFECOMMATO



@CAFECOMMATO



GUAPIMIRIM: O BERÇO DO ENGB MODERNO

À sombra das montanhas da Serra dos Órgãos, Guapimirim mais uma vez acolheu o evento em seu novo molde com a força de um lar reencontrado. Era impossível caminhar pelo gramado sem sentir o peso simbólico de estar ali justamente no ano comemorativo. O município, que já recebeu outras edições históricas, tornou-se novamente o palco natural para essa celebração de dez anos, servindo como um elo entre passado e futuro, tradição e renovação.

O local transmite aquela sensação familiar de pertencimento, como se cada árvore conhecesse nossos passos, cada pedra fosse testemunha silenciosa da evolução do ENGB e cada trilha guardasse histórias de edições que moldaram centenas de praticantes pelo país.

Esperamos que as grandes serras do alto de sua imponência continuem abençoando a jornada do ENGB, esperamos que Guapimirim, carinhosamente chamada de GUAPI continue lar dos próximos eventos, sempre trazendo aos olhos dos acostumados ou dos incautos a surpresa da beleza monumental de suas natureza cada vez que se aproximava do evento.

ABERTURA OFICIAL: QUANDO A IRMANDADE SE REENCONTRA

A abertura oficial carregou a energia de reencontro dos velhos amigos e a curiosidade vibrante daqueles que participavam pela primeira vez.



Foto/Imagem - Acervo particular Daniel DeLucca

Não houve discursos longos demais ou cerimônias formais; houve, antes, o que sempre fez o ENGB ser o que ele é: gente real, compartilhando suas jornadas, seus aprendizados, se descobrindo ou se reencontrando, mas todos juntos pelo amor ao mato.

A cada conversa, ficava evidente que o que sustenta o ENGB não é apenas a técnica; é a cultura. É a percepção de que o Bushcraft é tão social quanto é primitivo, tão humano quanto é ancestral. A atmosfera era leve e celebrativa, mas carregava um significado profundo: estávamos comemorando não só um evento, mas uma DÉCADA INTEIRA de persistência, união e construção coletiva.

O CÉREBRO DO EVENTO: OFICINAS E VIVÊNCIAS

A programação deste ano manteve o compromisso que se tornou marca registrada do ENGB: conteúdo prático, aplicável e totalmente voltado para quem vive e respira o universo das habilidades naturais.

A sexta-feira já começou com uma baita oficina feita pelos nossos queridos irmãos Gilmar e Garrido, da Escola Mestre Selva (@mestreselva) expondo os conceitos de Filtragem e Purificação de Água. Pudemos aprender de perto todas as peculiaridades e as diferenças que muitos se confundem sobre Tratamento, Filtragem e Purificação, e lógico dicas de obtenção de água em meio à natureza de forma relativamente segura.

Logo em seguida, tivemos a oportunidade de receber um conhecimento ímpar da Dra. Lúcia Thomaz (@luciathomaz_) sobre Primeiros Socorros. Aquele momento não foi uma simples oficina, foi quase um curso completo, os participantes ainda tiveram a possibilidade de testar técnicas e dicas simples, mas valiosas, de como agir e ter o psicológico ao enfrentar situações de acidentes, desenganando uma série de mitos que programas de sobrevivência expõem.



Foto/Imagem - Acervo particular Daniel DeLucca

Ao cair da primeira noite, a programação estava centrada na última oficina, porém não menos importante, mas aquela que ia dar o pontapé inicial às comemorações de 10 anos em grande estilo: Oficina de Comida Mateira feita pelo Ney Fagundes (@euneyfagundes).



Foto/Imagem - Acervo particular Daniel DeLuca

Debaixo da grande tenda central e mundo do seu fogareiro companheiro, o menu infalível foi a Paçoca de Carne Seca e Frango com quiabo mateiro, deixando todos com água na boca durante toda sua realização, mas foram saciados, afinal é uma das únicas oficinas que você sai dela não só com conhecimento, mas de barriga cheia!

BUSHBAND: O SOM DO BUSHCRAFT

Em seguida, com a vinda da noite e todos já em descontração foi oficialmente apresentado a Bushband (@bushbandbrasil), mais um projeto do Grupo Guerreiros e encabeçado pelo membro Elvis Nita (@elvisobrevive) que trouxe um repertório apurado e animado, colocando todos para curtir, dançar e não só compartilhar microfones, mas também instrumentos, como o Giuliano Toniolo (@giulianotonio), ensaiando como membro fixo na banda!

A banda também traz esse aspecto de música colaborativa, onde quem souber e quiser pode sim participar e "tirar um som" para animar o evento. Certamente, será presença fixa nos próximos ENGB's e quem sabe em outros demais pelo Brasil?

SÁBADO, AUGE DO EVENTO

O sábado amanheceu com o cheiro da grama molhada, pássaros cantando e o brilho tímido do sol entre as árvores, anunciando um dia repleto de troca de conhecimentos.

E logo no primeiro momento do dia, iniciou-se uma das oficinas mais aguardadas: PANCs, com a convidada especial Dona Maria Lídia, figura respeitadíssima no Estado do Rio de Janeiro. Foi uma verdadeira aula ao ar livre sobre biodiversidade alimentar, sustentabilidade e autonomia.

Após o almoço seguiu com fogo e tradição na oficina de Fogo Primitivo, ministrada por Wester (@bushcraft_wjs) e Sara (@caliandra_bushcraft), pai e filha encantando o público com a harmonia entre técnica e conhecimento ancestral em família.



Foto/Imagem - Acervo particular Daniel DeLuca

É a primeira vez na história do Brasil que uma mulher faz oficina de obtenção de fogo em um evento nacional, marcando um feito a ser escrito nos registros do Bushcraft Brasileiro. Confira também uma entrevista que fizemos com ela nessa mesma edição.

Em seguida, Giuliano Toniolo (@giulianotonio) apresentou seu Kit de Sobrevivência e toda teoria por traz deste conjunto de itens que podem te salvar e até prosperar em ambientes hostis.

Ao final de sua Oficina, Giuliano fez o lançamento de seu novo livro "Nos Rastros das Antigas Tradições - Seguindo os passos dos antepassados", resultado de anos de vivências, anotações e aprendizados no mato. A obra busca resgatar a essência do bushcraft clássico, inspirada nas antigas práticas que moldaram o espírito mateiro do primeiro meado do século XX no Brasil, já disponível à venda na Javalis Outdoor (www.javalisoutdoor.com.br), a loja Patrocinadora Oficial do ENGB!

E em virtude de alguns feedbacks que escutou-se ao longo dos anos e em vários eventos, decidiu-se que a foto oficial não seria mais tirada no último dia de evento, afinal muitos que vem de longe e de todo lugar do Brasil por vezes tem que sair muito cedo no domingo ou na madrugada de sábado, por isso a foto oficial foi tirada ainda na tarde de sábado, com a presença de todos!

Para fechar o sábado com leveza e propósito, todo ano rola o Bingo Beneficente do Projeto Rede Solidária, que recolhe donativos e também itens que serão vendidos ou "bingados" nos ENGB e todos os valores arrecadados irão para uma conta onde a galera do Grupo Guerreiros e parceiros escolhem um destino bacana para serem abençoados, sempre projetos que envolvam ação social e meio outdoor, mostrando que o ENGB também é expressão de solidariedade.

E não só de bingo foi o fim de noite, houve inúmeros sorteios de itens doados pelos participantes e pelos apoiadores do evento, bem como a presença garantida mais uma vez da Bushband para aquecer e agitar a última noite de comemoração de 10 anos de evento, o evento ativo mais antigo do Brasil.

A noite contou ainda com o famoso Fogão Coletivo, tradição criada pelo Guerreiros Bushcraft, onde a galera compartilha receitas e pratos feitos com todos os participantes do evento. O Ney Fagundes abriu o fogão coletivo com uma deliciosa carne de porco e farofa de abacaxi, levando quem estava lá à loucura.

No domingo, o encerramento oficial aconteceu de forma simples e direta, com aquele sabor típico de até breve, deixando saudades em todos.

HOMENAGEM ESPECIAL: O LEGADO DE DONA MARIA LÍDIA



Foto/Imagem - Acervo particular Angelo dos Santos

Se há algo que marcou profundamente esta edição de 10 anos, foi a presença de Dona Maria Lídia, cultuada a referência no Estado do Rio de Janeiro, tanto no meio Acadêmico quanto popular, em PANCS (Plantas Alimentícias Não Convencionais), ela conduziu com maestria sua oficina com serenidade e firmeza típicas de quem não apenas conhece o assunto, mas vive o que ensina.

Ao todo, apresentou mais de 40 espécies colhidas diretamente do mato, trazendo exemplos de uso, preparo, aplicações medicinais e possibilidades culinárias. Suas conservas chamaram atenção pela riqueza de cores e aromas, e seu conhecimento ancestral, compartilhado com generosidade, impressionou até os mais experientes.

A oficina se transformou em um dos momentos mais simbólicos da edição comemorativa, lembrando a todos que o bushcraft não é só fogo, fogo e abrigo; é, antes de tudo, relação íntima com a terra e com o que ela oferece.

O VERDADEIRO ESPÍRITO DO ENGB: CONVIVÊNCIA, PERMANÊNCIA E CAMINHO PARA O FUTURO

Quando o sol se punha e as atividades do dia davam espaço à convivência, revelava-se o verdadeiro coração do ENGB. Lanternas espalhadas entre as barracas iluminavam conversas longas, histórias de estrada, sotaques vindos de todos os cantos e equipamentos passando de mão em mão entre veteranos e recém-chegados. Era nesse ambiente simples e espontâneo que a irmandade se formava, mostrando que o encontro sempre foi mais sobre pessoas do que sobre técnicas.



Foto/Imagem - Acervo particular Ney Fagundes

Chegar à décima edição reforçou essa percepção. Não se tratava apenas de celebrar um número, mas de reconhecer a permanência de um evento que se tornou o mais antigo ainda ativo no país. Foram anos de aprendizado coletivo, grupos fortalecidos e gente nova descobrindo o valor da vida ao ar livre. O ENGB permaneceu porque fez sentido, porque era necessário, porque conectava todos em torno de algo maior do que cada indivíduo.

E quando o domingo chegou, ficou claro que ninguém realmente se despedia. A chama acesa há uma década seguia firme, apontando para o que ainda virá. A próxima etapa já começou, carregando mais união, mais maturidade e o mesmo respeito pela natureza que sempre guiou o encontro. O ENGB continua sendo esse grande lar temporário no mato, uma bússola para quem busca caminhar com propósito. Nos vemos no próximo ENGB.

INFOALFA

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

O RISCO DE SEMPRE ESTAR NA ZONA DE CONFORTO

Por Daniel DeLucca



Daniel DeLucca apresenta o canal Infoalfa, pertence ao grupo Guerreiros Bushcraft há 6 anos, do qual faz parte da administração, liderando grandes projetos no meio, além de ser empreendedor, design gráfico e fundador da Doisde Soluções Digitais.

Infoalfa tem como intenção trazer informações e curiosidades dos mais diferentes assuntos, abordados de um jeito prático e de fácil entendimento.

Olá Alfas! Como sabemos a preparação começa muito antes da ação e isso é fato. E neste artigo vamos falar do perigo de permanecer dentro da zona de conforto e de deixar o hábito de se testar cair no desuso.

Por isso, antes de montar uma mochila, escolher um local para abrigo ou testar uma ferramenta, a preparação acontece na mente. É ali que se decide até onde vai a resistência, o quanto se tolera o incômodo e o quanto se aceita o imprevisível. O problema é que, com o tempo, essa mente treinada tende a buscar descanso, estabilidade e repetição.

Surge então a zona de conforto, esse inimigo silencioso que não ataca com ruído, mas com suavidade. Ela não destrói o pregar de um dia para o outro, apenas o adormece. E o indivíduo, sem perceber, começa a acreditar que está pronto, quando na verdade parou de evoluir.

A zona de conforto é sedutora porque oferece uma ilusão de segurança. Ela faz parecer que treinar menos é normal, que revisar planos é exagero e que o conhecimento que já se tem é suficiente. Dentro dela, o risco se torna uma lembrança distante e a necessidade de adaptação vai desaparecendo. O sobrevivencialista que não se desafia aos poucos se torna o oposto do que pretende ser: previsível, vulnerável e dependente do que já conhece.

O conforto é o antídoto da prontidão. Ele anestesia a percepção e cria uma espécie de cegueira voluntária, na qual o indivíduo prefere não enxergar o quanto está enferrujado.

SIGA DANIEL DELUCCA NAS REDES

SOBREVIVENCIALISMOALFA.COM.BR



INFOALFA S.A.



@EUDANIELDELUCCA



@EUDANIELDELUCCA



CONFORTO X DESCONFORTO

A mente humana foi moldada para economizar energia. Esse é um mecanismo ancestral de autopreservação: quando algo se torna previsível, o cérebro reduz o esforço e entra em modo automático. Essa economia é útil no cotidiano, mas mortal quando o objetivo é manter-se preparado.

A sobrevivência depende da capacidade de perceber detalhes, reagir rapidamente e ajustar-se a contextos novos. E nada mata essa sensibilidade mais rápido do que a rotina confortável. Quando o corpo e a mente deixam de ser expostos a desafios, o limiar de resiliência começa a diminuir. O indivíduo deixa de reparar nas pequenas falhas, negligencia o improviso e passa a confiar mais nos planos do que nas próprias habilidades. O resultado é um pregar fraco, que se desmancha na primeira adversidade real.



Sair da zona de conforto é um ato de coragem que exige humildade. Requer admitir que há sempre o que aprender, mesmo quando se acredita saber o bastante. Significa praticar em condições ruins, testar o corpo no frio, revisar o que se carrega na mochila e cronometrar quanto tempo leva para acender um fogo em situação adversa. Exige observar não só o ambiente, mas também a própria mente, porque é nela que começa a acomodação. A preparação real não é apenas um conjunto de técnicas, mas um sistema mental de revisão constante: testar, observar, ajustar e repetir.

Todo sobrevivencialista deveria entender que a zona de conforto não é um lugar, mas um estado mental. Ela pode existir mesmo no meio do mato, com o fogo aceso e a rede montada, se não houver desafio. E também pode ser rompida dentro de casa, ao decidir aprender algo novo, abandonar velhos hábitos ou se expor a situações que testem disciplina e controle emocional.

A mente que não se desafia perde a capacidade de improvisar. E improvisar é o coração da sobrevivência. Por isso, o treinamento deve ser constante. É preciso revisar kits a cada semestre, testar equipamentos sob chuva, ajustar o peso da mochila e observar a própria reação sob estresse. Esses pequenos rituais mantêm o instinto desperto e impedem que a autoconfiança se transforme em cegueira.

Treinar, revisar e aprender são formas de manter o motor da preparação ligado. O desconforto, nesse contexto, é o professor mais honesto. Ele mostra o que ainda dói, o que ainda falha e o que precisa mudar. O desconforto não humilha, ele ensina. Mostra o limite, mas também revela o que ainda pode ser ampliado. A zona de conforto, por outro lado, elogia quando não há mérito, aprova quando não há progresso e sussurra que está tudo bem quando, na verdade, o tempo está corroendo a prontidão. O silêncio dela é perigoso porque soa como paz, mas esconde o começo da estagnação.

PREPARAR É PERMANECER EM MOVIMENTO

A preparação verdadeira é viva porque segue o mesmo ciclo de qualquer sistema funcional: observar, planejar, treinar e revisar. Cada etapa retroalimenta a outra, mantendo a prontidão ativa. Cada trilha, cada acampamento e cada teste são lembretes de que o aprendizado não termina. Quando o corpo dói e a mente questiona o propósito, é sinal de que ainda há vida no processo. É ali, que o atrito entre o conforto e o esforço, que o sobrevivencialista se molda.

O desconforto é o que separa o curioso do preparado. Romper a zona de conforto não é viver em sofrimento, mas testar limites de forma consciente, avaliando sempre o comportamento, controle emocional e tempo de resposta. É entender que o conforto é uma pausa, nunca um destino.

Quem se acomoda perde o sentido da prática. Quem busca o desconforto, encontra evolução. O conforto é o abrigo temporário, mas nunca deve ser a morada. A preparação não é feita de certezas, e sim de perguntas. É o constante autodiagnóstico do que se sabe, do que se carrega e do que se é capaz de suportar. O verdadeiro inimigo não é o frio, a fome ou a escuridão. É o comodismo que se disfarça de tranquilidade e faz o sobrevivencialista esquecer que estar preparado é, acima de tudo, continuar em movimento.

MANUAL DO SOBREVIVENTE

A IMPORTÂNCIA DO PREPARO PRÉVIO EM SITUAÇÕES DE SOBREVIVENCIALISMO

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e escola mateira Mestre do Mato.

Manual do Sobrevivente traz dicas importantes para aqueles que estudam a arte da sobrevivência, valorizando a importância do conhecimento frente às adversidades que estão por vir, sempre com o olhar voltado à prática e à realidade.

O sobrevivencialismo é um campo que vai muito além das imagens de filmes ou séries em que personagens enfrentam situações extremas na selva ou em um cenário pós-apocalíptico. Na realidade, trata-se de uma filosofia de vida que valoriza a autossuficiência, a resiliência e a capacidade de se adaptar a condições adversas, sejam elas naturais ou provocadas pela ação humana. Nesse contexto, o preparo prévio é um dos pilares fundamentais, pois representa a diferença entre estar vulnerável diante de uma emergência ou ter meios concretos de enfrentá-la.

O preparo prévio não é baseado em paranoia, mas em prudência. Historicamente, a humanidade sobreviveu justamente porque se preparava para tempos de escassez ou crise. Povos antigos armazenavam grãos para enfrentar o inverno, navegadores levavam provisões para longas viagens, famílias mantinham estoques de lenha e alimentos para atravessar períodos difíceis. Hoje, mesmo vivendo em um mundo repleto de comodidades tecnológicas, essa mesma lógica continua válida. A diferença é que a modernidade nos fez, muitas vezes, esquecer a importância de estar pronto para o imprevisto.

Em situações de sobrevivência, cada detalhe planejado com antecedência se transforma em recurso vital. Ter um kit básico de primeiros socorros bem organizado, por exemplo, pode significar a diferença entre controlar um ferimento ou deixar que ele se torne uma ameaça maior. Do mesmo modo, possuir ferramentas adequadas garante condições mínimas para se abrigar, se aquecer e se hidratar, três necessidades essenciais em qualquer cenário adverso.



SIGA GIULIANO TONIOLO NAS REDES

MESTREDOMATO.COM.BR



GUILIANO TONIOLO



@GUILIANOTONIOLO



@GUILIANO.TONIOLO.9



Outro ponto crucial do pregar é o conhecimento prático. De nada adianta armazenar equipamentos se não se sabe utilizá-los de forma eficiente. Essas habilidades, treinadas previamente, reduzem a ansiedade em situações de emergência e aumentam a clareza mental necessária para tomar decisões racionais.

O pregar prévio também envolve o planejamento mental e emocional. Uma das maiores ameaças em cenários de crise é o pânico, que leva ao desperdício de energia e a escolhas precipitadas. Pessoas preparadas mentalmente tendem a manter a calma, pois já visualizaram as dificuldades possíveis e têm estratégias para enfrentá-las. A confiança construída por meio do treino constante é, nesse sentido, um recurso tão valioso quanto qualquer ferramenta física.

Além disso, há um aspecto coletivo no pregar. Embora muitas vezes o sobrevivencialismo seja retratado de maneira individualista, a realidade mostra que grupos preparados aumentam consideravelmente suas chances de êxito. Compartilhar conhecimentos, estabelecer pontos de encontro, organizar estoques comunitários e dividir responsabilidades tornam a experiência menos arriscada e mais eficiente. O pregar prévio, portanto, não deve se limitar ao indivíduo, mas pode (e deve) incluir família, amigos e comunidades.



Um exemplo prático dessa importância se observa em situações de desastres naturais. Pessoas que possuem um kit de evacuação pronto, que conhecem rotas alternativas e têm provisões mínimas conseguem se deslocar com mais rapidez e segurança, reduzindo a exposição ao perigo. Já quem não se preparou pode se ver em meio ao caos, dependendo exclusivamente da ajuda externa, que muitas vezes demora a chegar.

Vale ressaltar que o pregar não se restringe apenas a grandes catástrofes. Ele também se aplica ao cotidiano. Nesse sentido, a preparação funciona como um seguro: espera-se não precisar utilizá-lo, mas tê-lo disponível gera tranquilidade.



Por fim, o pregar prévio no sobrevivencialismo é, antes de tudo, uma forma de responsabilidade. Trata-se de reconhecer que a vida é imprevisível e que confiar unicamente nas estruturas externas como o governo, comércio e tecnologia pode ser arriscado. A autossuficiência não significa isolamento, mas a capacidade de enfrentar desafios sem se tornar refém deles. Estar preparado é, em última instância, um ato de respeito consigo mesmo e com aqueles que dependem de nós.

Em resumo, a importância do pregar prévio em situações de sobrevivencialismo está na soma de vários fatores: garantir meios físicos, dominar conhecimentos práticos, fortalecer a mente e criar estratégias coletivas. Não se trata de viver em estado de alerta constante, mas de cultivar a prudência e a disciplina que sempre acompanharam os povos que souberam atravessar os momentos difíceis da história.

O sobrevivencialista preparado não é aquele que teme o futuro, mas aquele que constrói resiliência no presente para que, diante do inesperado, consiga transformar incerteza em oportunidade de superação.

MUNDO PREPPER

FIFO - A LÓGICA SIMPLES QUE MANTÉM O ESTOQUE SEMPRE PRONTO

Por Daniel DeLucca



Daniel DeLucca apresenta o canal Infoalfa, pertence ao grupo Guerreiros Bushcraft há 6 anos, do qual faz parte da administração, liderando grandes projetos no meio, além de ser empreendedor, design gráfico e fundador da Doisde Soluções Digitais.

Mundo Prepper conta com colunistas convidados para falar um pouco de suas especialidades e suas atividades no mundo da preparação e do sobrevivencialismo.

Olá, Alfas! No Mundo Prepper desta edição vamos falar sobre gerenciamento de estoques aplicando um conceito que talvez possa ser novo para vocês. Eu lembro que quando comecei a montar minha primeira despensa, eu não tinha ideia de que um simples método poderia mudar completamente a forma como eu gerenciava meus suprimentos.

Eu comprava, armazenava e esquecia. Meses depois, ao revisar o que tinha guardado, percebi que metade dos produtos já estava vencida. Foi ali que aprendi uma das lições mais valiosas da preparação: não basta estocar, é preciso saber rotacionar. E foi assim que conheci o FIFO, uma lógica simples que evita que esse tipo de descuido aconteça e mantém o estoque sempre pronto.

FIFO é a sigla para *First In, First Out*: o primeiro que entra é o primeiro que sai. Parece básico, mas sua aplicação exige disciplina e método. A ideia é que tudo o que é adquirido primeiro deve ser usado antes dos itens novos, criando um fluxo contínuo de consumo e reposição. Isso vale para qualquer tipo de suprimento: alimentos, baterias, medicamentos, combustível ou até velas e pilhas. Em um contexto de preparação, o FIFO é mais do que um sistema, é um comportamento que garante autonomia e segurança no consumo.

A prática começa com a organização física. Toda despensa precisa de um fluxo lógico: o que entra novo vai para o fundo, e o que está mais antigo fica acessível. Parece simples até que você perceba que, no dia a dia, a tendência é fazer o contrário. A pressa, o descuido e a rotina acabam invertendo a ordem. Por isso, aplico o método em ciclos. A cada duas semanas rejo as prateleiras, movo o que está perto da validade para a frente e registro o que precisa ser reposto. É uma forma de manter a rotação viva e evitar o acúmulo cego de produtos.

SIGA DANIEL DELUCCA NAS REDES
SOBREVIVENCIALISMOALFA.COM.BR
INFOALFA S.A.
@EUDANIELDELUCCA
@EUDANIELDELUCCA



DISCIPLINA, CONSUMO E MENTALIDADE PREPPER

Mas o FIFO não é apenas sobre alimentos. Ele é um reflexo de mentalidade prepper. Ensina disciplina, vigilância e controle sobre o que possuímos. Estocar sem revisar é como treinar sem avaliar o próprio desempenho. De tempos em tempos, é preciso olhar para o que guardamos e perguntar se ainda faz sentido. Há produtos que perdem eficiência, ferramentas que oxidam, e até itens que já não se encaixam na rotina atual. A rotação, nesse sentido, é também um exercício de autoconhecimento.



Ao longo do tempo, percebi que aplicar o FIFO é também aprender a ler os sinais do consumo. Quando um item acaba rápido demais, é sinal de que ele é essencial e precisa de maior volume no próximo ciclo. Quando sobra, indica excesso. Esse equilíbrio entre uso e reposição define a eficiência da preparação. Não adianta ter estoque se ele não reflete a realidade do consumo. Um bom estoque é dinâmico, ajustado à vida, não apenas à teoria.

O método também serve como base para o planejamento modular. Cada módulo da preparação, seja alimentação, energia ou higiene, deve seguir o mesmo princípio. Assim, mesmo que um setor sofra escassez ou atraso na reposição, os demais continuam funcionando. Essa redundância inteligente evita falhas e mantém o sistema operacional. Quando tudo gira sob a lógica do FIFO, a preparação deixa de ser uma pilha de coisas guardadas e se torna uma estrutura funcional e orgânica.

No aspecto psicológico, o FIFO atua na redução da ansiedade e do desperdício. Saber que tudo está sendo consumido no ritmo certo traz tranquilidade. O controle visual das prateleiras transmite segurança e ajuda a manter a clareza sobre o que se tem. Essa consciência evita decisões impulsivas, como comprar mais do que o necessário ou manter produtos vencidos "por garantia". Em tempos de crise, essa serenidade é uma das ferramentas mais valiosas.

O ciclo prepper se manifesta claramente nesse processo: observar, planejar, executar e revisar. Primeiro, observo o que tenho e o que consumo. Depois, planejo a reposição com base nesse padrão. Em seguida, executo as compras e reorganizo a despensa. Por fim, reviso o sistema e corrolo o que precisa de ajuste. É um ciclo constante, e cada volta dele reforça a autossuficiência.



Hoje, aplico o FIFO não só na despensa, mas na vida como um todo. Rotaciono ferramentas, kits de primeiros socorros e até o uso de equipamentos elétricos. Tudo tem um ciclo. Tudo precisa ser revisado. No fundo, o FIFO é um sinal de alerta de que a preparação não é sobre acumular, mas sobre manter o que é útil, funcional e pronto para uso. Preparar-se é entender que o tempo é também um recurso, e que o controle sobre ele começa nas pequenas práticas diárias.



POR DENTRO DO EDC

O PORTE DE LÂMINA E FACA NO BRASIL: RESUMO DA SITUAÇÃO LEGAL

Por Luiz Ericson



Amante da cutelaria desde a infância, entrou no mundo do EDC em 2010, quando atuava como topógrafo e precisava sempre de uma lâmina e uma lanterna. Com o tempo, conheceu as comunidades nas redes sociais e foi ajustando seu EDC ao contexto urbano em que vive.

Por Dentro do EDC contará com convidados amantes da filosofia EDC para estarem falando um pouco sobre suas principais configurações.

O tema do porte de armas brancas (como facas e canivetes) no Brasil é notoriamente nebuloso e controverso devido à falta de uma lei federal específica e moderna que regulamente o assunto de forma clara, como acontece com as armas de fogo (Estatuto do Desarmamento).

BREVE EXPLICAÇÃO: O ARTIGO 19 DA LCP

Atualmente, a base legal mais aplicada é o Artigo 19 do Decreto-Lei nº 3.688/1941 (Lei das Contravenções Penais - LCP), que estabelece: "Trazer consigo arma fora de casa ou de dependência desta, sem licença da autoridade: Pena – prisão simples, de quinze dias a seis meses, ou multa, de duzentos mil réis a três contos de réis, ou ambas cumulativamente."

O grande problema é que não existe, no Brasil, uma regulamentação administrativa que estabeleça a "licença da autoridade" para o porte de facas, canivetes ou outras armas brancas. Essa falta de regulamentação fez com que o Artigo 19 se tornasse uma "norma penal em branco" e, por muito tempo, sua aplicabilidade foi questionada.

O ENTENDIMENTO DO STF E A AVALIAÇÃO DO CASO CONCRETO

Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF) validou a aplicação do Artigo 19 da Lei de Contravenções Penais (LCP) para o porte de armas brancas. O entendimento majoritário consolidado (Tema 1153 de Repercussão Geral) foi que: O Art. 19 da LCP permanece válido e é aplicável ao porte de arma branca, cuja potencialidade lesiva deve ser aferida com base nas circunstâncias do caso concreto, tendo em conta, inclusive, o elemento subjetivo do agente.



Foto/Imagem: Acervo particular Luiz Ericson

SIGA LUIZ ERICSON NAS REDES

@ERICSON_EDC



Isso significa que, embora o porte não seja automaticamente criminoso, as autoridades devem analisar o contexto:

Potencialidade Lesiva: O objeto pode ser uma arma branca (faca, punhal, etc.) ou uma ferramenta de uso legítimo?



Circunstâncias do Caso: Onde a pessoa estava? Qual o seu comportamento? O objeto estava guardado ou ostensivo?



Elemento Subjetivo (Intenção): Qual era a finalidade do porte? Era para uso em trabalho, esporte, coleção, ou havia indícios de intenção criminosa ou de intimidação?

RESUMO PRÁTICO PARA O EDC

Para quem pratica o EDC, a interpretação predominante e o bom senso sugerem o seguinte:

Porte Lícito de Ferramentas: Ferramentas multiuso e canivetes de pequeno porte, que se enquadram claramente como utensílios para o trabalho ou uso cotidiano (como cortar embalagens ou preparar alimentos), geralmente são considerados lícitos, desde que não haja intenção de utilizá-los como arma.



Foto/Imagem: Acervo particular Luiz Ericson

Porte Discreto e Justificado: O transporte deve ser discreto (não ostensivo) e o portador deve ter uma justificativa plausível e de boa-fé para o uso da ferramenta (ex: canivete para camping, montanhismo, pesca, ou como ferramenta de trabalho).

Atenção ao Tamanho: Embora não haja um critério nacional único, algumas propostas de projetos de lei sugerem um limite de lâmina de 10 cm. Evitar lâminas muito grandes ou com características estritamente bélicas, é a maneira mais segura de se precaver contra a interpretação de que o item é uma "arma" e não uma "ferramenta".

Em conclusão, no Brasil, o porte de lâminas no contexto EDC é uma zona de interpretação. Optar por ferramentas de qualidade e usá-las de forma responsável e não ameaçadora é a chave para se manter dentro da legalidade, dependendo sempre da avaliação das autoridades no momento da abordagem.



JAVALIS

OUTDOOR

The man is looking down and to his right with a serious expression. He has a tattoo on his left upper arm. He is wearing a black t-shirt with a large white graphic of a deer skull on the left side and the text "GUERREIROS BUSHCRAFT" vertically on the right side.

O primeiro passo para uma boa aventura é permitir se aventurar! O segundo passo é a ação, que conecta a intenção à realização. Toda intenção sem um plano de ação não passa de um mero sonho, então pare de sonhar e vá viver!

FOTOGRAFIA: FELIPE GOLTARA
@FELIPEGOLTARAFOTOGRAFIA

FOTO/MODELO: JOCIMAR BRUNO
@JOCIMARBRUNO

SIGA A LOJA JAVALIS OUTDOOR NAS REDES

JAVALIS OUTDOOR
@JAVALISOUTDOOR
@JAVALISOUTDOOR

